



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 12 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sábado, 21 de janeiro de 2012

O ESTADO DE SÃO PAULO Novas tecnologias e concorrência maior reduzem os preços de celulares VEICULAÇÃO NACIONAL	1
DIÁRIO DO AMAPÁ Senador Randolfe Rodrigues receberá comitiva de investidores italianos em Macapá..... VEICULAÇÃO NACIONAL	2
FOLHA DE SÃO PAULO Dilma quer antecipar gasto para reanimar economia VEICULAÇÃO NACIONAL	3
FOLHA DE SÃO PAULO Orçamento de 2012 é sancionado sem nenhum veto..... VEICULAÇÃO NACIONAL	4
FOLHA DE SÃO PAULO Zona Franca teme protecionismo argentino..... VEICULAÇÃO NACIONAL	5
FOLHA DE SÃO PAULO Fiesp sugere Petrobras para evitar impasse VEICULAÇÃO NACIONAL	6
O GLOBO Crescimento do Brasil atrai mais empresas francesas VEICULAÇÃO NACIONAL	7
O GLOBO EUA: guerra contra pirataria cria impasse no Congresso VEICULAÇÃO NACIONAL	8
ESTADAO.COM Travas no Mercosul VEICULAÇÃO NACIONAL	10
ESTADAO.COM Empresários vão negociar com Argentina VEICULAÇÃO NACIONAL	11
ESTADAO.COM Novas tecnologias e concorrência maior reduzem os preços de celulares VEICULAÇÃO NACIONAL	12
O PAIS Brasil para a Argentina para aplicar barreira comercial de retaliação..... VEICULAÇÃO NACIONAL	13

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Novas tecnologias e concorrência maior reduzem os preços de celulares		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Telefonia. Segundo levantamento da FGV, preços no atacado caíram 12,33% no ano passado, enquanto no varejo a queda foi de 8,51%; para especialistas, tendência é de redução cada vez maior, à medida que aparelhos mais sofisticados se tornam mais populares

ALESSANDRA SARAIVA / RIO - O Estado de S.Paulo

Novas tecnologias, uma enorme velocidade de lançamento e muita concorrência entre os fabricantes têm provocado uma queda acentuada nos preços de telefones celulares no Brasil. Segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), feito a pedido da 'Agência Estado', o preço médio dos aparelhos caiu 12,33% no atacado no ano passado, a quarta queda anual consecutiva - e o maior recuo nesse período.

No varejo, os preços dos celulares caíram 8,51% no ano passado. E o fenômeno de aparelhos mais baratos só tende a crescer nos próximos anos, impulsionado por investimentos em novos smartphones, que devem representar mais de 50% do mercado brasileiro em 2015.

A intensidade da queda no ano passado foi tão grande que o celular foi, pela primeira vez na história da FGV, uma das cinco principais quedas anuais do setor atacadista medido pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), de acordo com o coordenador de Análises Econômicas da Fundação, Salomão Quadros.

Quadros explicou que o barateamento de celulares é similar ao que ocorreu com eletroeletrônicos, como televisores e laptops, que também mostraram quedas sucessivas de preços com a enxurrada de novidades no mercado. Mas, nos celulares, a velocidade de lançamentos é maior. "Isso veio para ficar. Em um horizonte de longo prazo, os aparelhos mostram tendência irreversível de redução de preço."

Os lançamentos das fabricantes não ficam restritos aos celulares mais caros, lembrou Bruno Freitas, analista da consultoria IDC. "Hoje, a quantidade de modelos mais baratos é muito maior", afirmou.

Para o especialista, a crise global de 2008 obrigou as grandes fabricantes a olhar novos nichos de mercado em emergentes, visto que a turbulência internacional derrubou o

consumo nos países desenvolvidos. A ascensão da classe C e o contínuo crescimento da renda do brasileiro foram notadas pelas marcas, que direcionaram suas pesquisas para aparelhos voltados especificamente às necessidades desses novos consumidores. "O Brasil virou alvo dos fabricantes. Não é a toa que terminamos o ano passado com 240 milhões de linhas móveis ativas", afirmou.

Outro fator é o interesse crescente por smartphones, cada vez mais adaptáveis ao bolso do brasileiro. Segundo Freitas, de 2007 a 2011, o preço médio desse tipo de aparelho caiu 30%, similar ao recuo registrado em celulares comuns para o mesmo período (-32%). "Não estamos dizendo que todos os smartphones estejam baratos. Há aparelhos que, quando lançados, custam R\$ 1 mil, R\$ 2 mil por unidade. Mas, aos poucos, as fabricantes conseguem desenvolver aparelhos nas mais diferentes faixas de preços", explicou. Atualmente com 14,15% do mercado brasileiro de telefonia celular, os smartphones devem ser maioria em quatro anos, segundo a IDC.

Com nove lançamentos em telefonia móvel no ano passado e sem revelar o número de novidades deste ano, a Sony Ericsson considera smartphones como o segmento mais favorecido pelo impacto de redução de preços no setor nos últimos três anos. "Quando deixaram de ser um produto com demanda de nicho e passaram a ser mais de massa, os preços caíram naturalmente", disse a diretora de marketing da empresa, Ana Peretti.

Para a executiva, a demanda por esse tipo de aparelho crescerá ainda mais em 2012 e nos próximos anos. "Teremos novos consumidores aderindo a seu primeiro smartphone. Outros, trocando um modelo básico por outro um pouco mais avançado. E, com certeza, sempre haverá público em busca de modelos de última tecnologia", concluiu.

	VEÍCULO DIÁRIO DO AMAPÁ	EDITORIA	
	TÍTULO Senador Randolfe Rodrigues receberá comitiva de investidores italianos em Macapá		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Chega a Macapá, hoje, para passar o fim de semana, a convite do senador Randolfe Rodrigues (Psol-AP), uma comitiva de investidores italianos, coordenada pelo deputado Domenico Scilipoti, presidente da Comissão Itália-Brasil. A delegação italiana é composta por empresários e consultores interessados em investir no Brasil, em particular na Amazônia.

A comitiva trará os parlamentares Nicolò Giuseppe; Giuseppe Lopresí; Nicola D'Addea e a secretária do grupo Itália-Brasil Ana Claudia Carvalho Barbuda Spano. Além dos parlamentares, compõem a delegação a presidente da Prodit Engenharia, Maria Donata Caro, e Mark Bertolino, de departamento internacional da empresa; pela Fundação Made in Italy virá o secretário geral sr. Romuald Cozza; a Frete Tecnologia Consultores Internacionais enviará o sr. Philip Massi e o Grupo Italiano será representado pelo sr. Lucio Piombetti. Virá também o provedor de justiça de crédito Alexander Carradori e da Cahill - Caizzone & Associates, o sr. Mario Caizzone.

Os investidores italianos chegam hoje, 20, às 23h, e permanecerão em Macapá nos dias 21, 22 e 23 de janeiro. Os principais interesses para investimentos são nas áreas de tecnologias, construção civil, fábricas e produção de vinhos e champagne, agricultura para exportação (café, soja, laranja, frutas tropicais); usina de álcool e açúcar; energia solar, manufatura de pedras (granitos e mármore); reciclagem de metais e plástico e água mineral.

No Amapá a delegação cumpre agenda a partir de sábado, em café da manhã com empresários no Ceta Ecotel; às 11h, reunião com equipe da Unifap; às 15h visita às Docas de Santana e às 16h30 visita à fábrica de açaí Sambazon. No domingo, 22, os convidados participarão de rodada de negócios pela manhã, no Ceta Ecotel e à tarde visitarão uma fábrica de palmito. À noite conhecerão um pouco da cultura produzida por artistas do Amapá. Na segunda-feira, 23, o café da manhã será na Assembleia Legislativa. O senador Randolfe Rodrigues aguarda confirmação do governo do estado para agenda com o governador Camilo CaPIBeribe.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Dilma quer antecipar gasto para reanimar economia		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

NATUZA NERY

Presidente planeja incentivar investimentos no início do ano e adiar cortes

Governo tenta conciliar estratégia e calendário eleitoral, que impede contratação de novas obras a partir de julho

O governo planeja usar investimentos públicos e privados para reanimar a economia nos primeiros meses deste ano, concentrando despesas no primeiro semestre e adiando para depois de julho a maior parte do sacrifício que precisará fazer para equilibrar as contas do governo.

O calendário do governo está espremido por causa das eleições municipais. Por lei, não será possível contratar novos projetos e convênios no setor público a partir de julho, três meses antes das eleições de outubro.

Em meio à discussão sobre o tamanho do corte de gastos que fará no Orçamento de 2012 -estuda-se algo próximo a R\$ 60 bilhões-, a presidente Dilma Rousseff decidiu inverter a lógica adotada em anos anteriores para calibrar as despesas oficiais.

Em vez de começar o ano segurando mais fortemente as despesas e acelerar os gastos no final do ano, a presidente cogita fazer o contrário. Dilma quer conhecer a lista de prioridades dos ministros para só então avaliar qual volume será bloqueado.

Em outros anos, o Tesouro Nacional costumava determinar o número do ajuste fiscal e os **Ministérios** eram obrigados a se adequar ao dinheiro disponível em caixa. Para o Palácio do Planalto, a inversão busca um ajuste mais realista, sem inviabilizar investimentos.

Ontem, o Tesouro foi autorizado a emitir R\$ 10 bilhões em títulos para serem repassados ao **BNDES** em forma de empréstimo, alavancando a capacidade do banco de conceder empréstimos para investimentos. Essa era a parcela

que faltava de um total de R\$ 55 bilhões que foram autorizados no ano passado.

O governo poderá autorizar neste ano repasses de mais R\$ 55 bilhões do Tesouro para o **BNDES**.

A equipe de Dilma calcula que uma recuperação mais forte da economia no primeiro semestre poderá elevar a arrecadação federal e terá condições de minimizar a necessidade de um aperto mais severo no segundo semestre. Além disso, ajudará a manter os níveis atuais de emprego e consumo.

Todo esforço do governo é para evitar reviver o tombo observado na virada de 2008 para 2009, no auge da crise financeira internacional. Dilma espera atingir uma taxa de crescimento do **PIB** (Produto Interno Bruto) de pelo menos 4% neste ano.

MEDIDAS DE ESTÍMULO

Se for preciso, o governo lançará mão de mais medidas de estímulo ao crescimento. Por ora, entretanto, a ordem é observar o impacto dos sucessivos cortes de juros anunciados pelo Banco Central e do aumento de 14% do salário mínimo, que injetará volume significativo de recursos na economia. Só depois disso analisará o que fazer.

Como alternativas, estão sobre a mesa do ministro da Fazenda, Guido Mantega, medidas para diminuir o custo do crédito e incentivar o consumo. Entre elas, a redução do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) a patamar inferior a 2,5% e imposto menor sobre alguns produtos industrializados.

Segundo a Folha apurou, o Executivo não quer errar na dose, e por isso agirá com cautela para também não correr o risco de superaquecer a economia.

A preocupação maior agora é estimular o setor privado a investir. Por isso, a orientação é manter os repasses ao **BNDES** para que o banco siga financiando os projetos que darão sustentação ao crescimento.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Orçamento de 2012 é sancionado sem nenhum veto		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff sancionou ontem, sem vetos, o Orçamento da União para este ano. Foi quebrada a rotina dos dois últimos anos, quando houve cortes do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O valor é de R\$ 2,2 trilhões, se incluído o pagamento dos juros dívida pública. Sem os juros, é de R\$ 1,4 trilhão.

Desta vez, as divergências com a oposição foram resolvidas no Congresso, por meio de negociação ou no voto. O Orçamento do último ano do governo Lula foi aprovado com vários cortes, mas a maior polêmica aconteceu com a lei orçamentária para 2010.

O então presidente precisou usar seu poder de veto para retirar três projetos da lista de obras irregulares preparada pelo TCU (Tribunal de Contas da União).

Para este ano, a bancada governista conseguiu excluir, durante as votações, 22 das 27 obras incluídas na "lista suja" do TCU.

A oposição tentou impor condicionantes para liberar novos recursos para a refinaria Abreu e Lima, novamente no centro da polêmica. Mas a base do governo excluiu o projeto da lista.

A presidente utilizou vetos apenas no PPA (Plano Plurianual), conjunto de metas para o período de quatro anos e renovado a cada ano, que foi aprovado no Congresso com muitas emendas. Os cortes somaram R\$ 35,7 bilhões.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Zona Franca teme protecionismo argentino		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

País vizinho absorve 30% das exportações do Estado do Amazonas; motos e celulares lideram a pauta de vendas

Até insumo para refrigerantes pode ser prejudicado; polo terminou 2011 com embarques em retração

KÁTIA BRASIL

DE MANAUS

O polo industrial da **Zona Franca** de **Manaus**, que tem a Argentina como principal parceiro comercial, teme os efeitos da recente investida protecionista do país vizinho.

Os empresários esperam que haja uma queda nas **exportações** de motocicletas, telefones celulares, receptores de sinal de TV, barbeadores, canetas e até de concentrados de refrigerantes.

A **Suframa** (**Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus**), no entanto, diz que ainda não possível estimar a retração nas vendas, que devem ocorrer a partir do dia 1º de fevereiro, quando entram em vigor as novas restrições comerciais da Argentina.

Para tentar equilibrar a balança comercial, o governo da presidente Cristina Kirchner anunciou na metade deste mês que exigirá de todos os **importadores** locais uma declaração antecipada que justifique a compra de produtos estrangeiros. O prazo para a liberação deve ser de 15 dias úteis.

Segundo o **Superintendente** da **Suframa**, Thomaz Nogueira, a Argentina absorve aproximadamente 30% das **exportações** do Estado do **Amazonas**, que somaram US\$ 914 milhões em 2011.

Os principais produtos vendidos pelo polo de **Manaus** ao país vizinho são motocicletas, que representam 20% do total, e aparelhos celulares (11%).

Para chegar ao destino, as motos vão de balsa até Belém (PA), depois seguem até o porto de Santos de caminhão e, dali, são embarcadas em navios até a Argentina.

EXPECTATIVA

Produtos menores, como os celulares e concentrados de refrigerantes, são transportados diretamente de avião em contêineres.

O presidente da **Fieam** (Federação das Indústrias do Estado do **Amazonas**), Antonio Silva, afirma que os empresário temem que os produtos da **Zona Franca** de **Manaus** sejam barrados pelo governo argentino.

No entanto, diz confiar numa solução para o assunto.

"Há o receio, mas esperamos que as boas relações políticas do **Brasil** com a Argentina possam ajudar em um processo de negociação que traga vantagens aos dois países", diz Silva.

O efeito das barreiras argentinas se somaria aos resultados negativos apurados no fim do ano passado. Segundo a **Suframa**, o polo de **Manaus** registrou retração de 18% nas **exportações** em novembro de 2011 em relação ao mesmo mês do ano anterior.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Fiesp sugere Petrobras para evitar impasse		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

DE SÃO PAULO

O presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Paulo Skaf, afirmou que o agravamento das restrições e a escalada do protecionismo comercial da Argentina fere o tratado do Mercosul.

Ele propôs soluções "criativas e amigas" para os problemas. Uma delas é a Petrobras passar a comprar navios dos estaleiros argentinos sem prejudicar companhias brasileiras.

"Os estaleiros de lá estão ociosos e a Petrobras precisa de navios. Então podemos contribuir sem atingir o Brasil", disse, após reunião com empresários.

Skaf afirmou que deve se encontrar com a presidente argentina Cristina Kirchner até o fim do mês para debater soluções. Para ele, o principal objetivo da Argentina é manter o superávit comercial do país que chegou a US\$ 11 bilhões em 2011.

(VENCESLAU BORLINA FILHO)

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Crescimento do <u>Brasil</u> atrai mais empresas francesas		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Germano Oliveira germano@sp.oglobo.com.br

SÃO PAULO. A crise na Europa, contraponto com o Brasil em crescimento e uma nova classe média em ascensão, tem atraído cada vez mais as empresas francesas a adquirirem capital de companhias brasileiras. O número de corporações daquele país no Brasil saltou de 436, em 2010, para 520 no fim de 2011, segundo informou ontem Eric Fajole, diretor da Agência para Desenvolvimento das Empresas Francesas no Brasil. Ele disse que há uma tendência de aumentar ainda mais com o agravamento da crise europeia:

- O interesse pelo Brasil começou em 2009 quando vimos que ele se saiu melhor que outros países dos Brics. Até 2007, os franceses não tinham o mesmo interesse que têm hoje pelo Brasil. Antes todos estavam mais interessados na Índia ou Rússia. Agora, o negócio é aplicar os investimentos no Brasil.

Tecnologia em informática, saúde, mecânica, máquinas industriais e agronegócio são os setores mais atraentes. Além das novas empresas francesas que estão chegando, as que já estavam aqui, como Accor (hotéis), Peugeot e Danone, também passam a investir em produtos mais populares para atrair as classes C e D. As 520 empresas francesas no Brasil já empregam 500 mil funcionários, 95% brasileiros.

- As montadoras francesas que estão aqui procuram lançar carros mais baratos, enquanto que a Accor aplica mais recursos em hotéis de preços mais baixos para atrair esse novo consumidor - diz Fajole. - A demanda de empresas francesas aqui é tanta que criamos há um ano no Rio de Janeiro uma agência de inovação para subsidiar os pequenos e médios empresários franceses que desejam vir para cá, tanto por meio de parcerias com empresários brasileiros como por meio de investimentos diretos.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO EUA: guerra contra pirataria cria impasse no Congresso		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Após protestos de empresas como Wikipédia e Google, o Congresso americano suspendeu, por tempo indeterminado, a votação das leis antipirataria na internet. O adiamento da votação, que no Senado seria na próxima terça-feira, tem como objetivo tentar alcançar um consenso. A nova lei é defendida por estúdios de Hollywood e conglomerados de mídia, que querem impedir que filmes, séries e músicas sejam pirateados. Na Nova Zelândia, a polícia prendeu o fundador do site de download de filmes Megaupload, o alemão Kim Schmitz, acusado de roubo de propriedade intelectual e lavagem de dinheiro. A campanha republicana à Casa Branca esquentou: o ex-presidente da Câmara Newt Gingrich virou favorito para a primária da Carolina do Sul, hoje, ultrapassando Mitt Romney.

Suspensa discussão antipirataria

Após blecaute na internet, Congresso dos EUA adia votação de projetos que regulamentam downloads e cria impasse

WASHINGTON e BRUXELAS

O Congresso dos Estados Unidos suspendeu, por tempo indeterminado, ontem a votação das leis antipirataria que tramitavam no Senado e na Câmara dos Representantes. De certo modo, isso é uma vitória para as empresas de internet - para as quais os projetos de lei são uma forma de censura -, que na quarta-feira fizeram um protesto on-line, com sites fora do ar, como a Wikipédia, ou tarjas pretas, como Google e a revista "Wired". A nova legislação é defendida pelos estúdios de Hollywood e grandes conglomerados de mídia, incluindo a News Corp., de Rupert Murdoch, que querem impedir que filmes, séries e músicas sejam pirateados.

Os projetos de lei são conhecidos como Sopa (Stop Online Piracy Act, ou "Parem a pirataria on-line") e Pipa (Protect IP Act, ou "Protejam a propriedade intelectual"). O Sopa, na Câmara, visa a impedir que americanos acessem sites de download ilegal de arquivos, sobretudo baseados fora dos EUA, além de combater a venda de produtos falsificados. Nem ferramentas de busca poderiam permitir o acesso a esses sites. O Pipa, que está no Senado, prevê restrições e medidas judiciais contra provedores de internet,

empresas de pagamento e redes de publicidade que façam operações com esses sites.

O líder democrata no Senado, Harry Reid, anunciou pelo Twitter o adiamento da votação, prevista para terça-feira, mas ressaltou que pode haver um acordo na semana que vem. Já o republicano Lamar Smith, presidente da Comissão Judiciária da Câmara, disse em nota que o painel vai buscar um consenso maior sobre a questão. "Está claro que precisamos rever a abordagem sobre a melhor maneira de resolver o problema dos ladrões estrangeiros que roubam e vendem produtos e invenções americanas".

Até a Casa Branca já havia afirmado temer que Sopa e Pipa pudessem prejudicar os negócios na internet e restringir a liberdade de expressão. E os protestos das empresas de internet mostraram que houve uma mudança no equilíbrio do lobby em Washington, antes dominado pelos grandes conglomerados de mídia.

Para Hollywood, estímulo a criminosos

O adiamento recebeu críticas e elogios. O ex-senador democrata Christopher Dodd, hoje à frente da Motion Picture Association of America (MPAA, que representa Hollywood), disse ver um estímulo aos criminosos. O republicano Patrick Leahy, presidente da Comissão Judiciária do Senado, foi mais contundente:

- Em algum lugar da China e da Rússia hoje, criminosos que vendem produtos falsificados e conteúdo americano roubado estão satisfeitos de ver como o Senado dos EUA decidiu que não valia a pena discutir como impedir criminosos estrangeiros de sugarem nossa economia.

Por outro lado, representantes de sites, como Facebook e Reddit, elogiaram a decisão. "Apreciamos o fato de nossos legisladores terem escutado as preocupações da comunidade", afirmou em nota o Facebook.

A polêmica chegou ao outro lado do Atlântico. Também pelo Twitter, a comissária para a Agenda Digital da União Europeia (UE), Neelie Kroes, mostrou-se satisfeita: "Não precisamos de legislação ruim quando deveríamos estar resguardando os benefícios da internet livre". Depois, em entrevista à BBC, ela reiterou sua posição.

- Concordo que precisamos combater a pirataria - disse Neelie, que defende uma nova abordagem sobre o assunto. - Há muitas ideias em potencial por aí, mas normalmente elas são assassinadas por uma rígida legislação pré-digital.

	VEÍCULO ESTADAO.COM	EDITORIA	
	TÍTULO Travas no <u>Mercosul</u>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

CELSO MING - O Estado de S.Paulo

O governo da Argentina não mostra nenhum escrúpulo ao atropelar sistematicamente tratados internacionais quando se trata de proteger sua balança comercial.

A partir de 1.º de fevereiro, passará a exigir pedido de licenças não automáticas de importação para todos os produtos, independentemente da procedência. Seus fiscais aduaneiros dirão o que pode ser importado e quanto. É um instrumento burocrático que leva tempo para ser examinado (oficialmente, no máximo 15 dias), com o qual se busca declaradamente emperrar o comércio.

Essa exigência aprofunda o jogo protecionista que até agora se limitava a conter a entrada de produtos da linha branca (geladeiras, máquinas de lavar roupa, fogões, etc.), artigos têxteis, calçados, baterias e tratores.

O objetivo final do país é obter neste ano um superávit comercial superior a US\$ 10 bilhões (o do ano passado foi de US\$ 10,9 bilhões), conforme a Agência Estado apurou a partir de documento interno vazado para a imprensa.

Essa decisão tem a ver com as dificuldades que a Argentina enfrentando desde o calote de 2001 à sua dívida, agravadas no início deste ano com a perspectiva de quebra de pelo menos 23% na safra de milho e de outros 5% na de soja, por ação de uma séria estiagem. As receitas com o Imposto de Exportação (que agora devem reduzir-se) cobrem 20% da arrecadação. A ideia é cortar despesas com importação, de maneira a enfrentar a redução de caixa com que contava para cobrir o rombo externo.

Não dá para negar que o saldo do comércio bilateral é favorável ao Brasil e que isso tende a se ampliar (veja o gráfico). É o resultado da política econômica predadora colocada em prática pelas duas administrações Kirchner, que desestimula o investimento e o avanço tecnológico e, nessas condições, derruba a competitividade do produto industrial argentino.

De maneira informal, o governo brasileiro já passou o recado de que não gosta do jeito folgado e irresponsável com que o governo argentino lida com compromissos internacionais,

sobretudo com os do Mercosul. O ministro do Desenvolvimento, Fernando PIMtel, por exemplo, já declarou o que até agora nenhum ministro de Estado do Brasil ousou dizer em público: a Argentina se tornou "um problema permanente".

O presidente da Associação Brasileira de Empresas de Comércio Exterior (Abece), Ivan Ramalho, enfrentou a catimba comercial da Argentina durante os 16 anos em que ocupou a Secretaria Executiva do Ministério do Desenvolvimento, 8 deles durante o período Fernando Henrique e a outra metade do tempo no período Lula. Para ele, se engolir mais esse sapo, o governo brasileiro estará contribuindo decisivamente para a escalada protecionista do governo argentino e para as distorções que virão em seguida.

E Ramalho não esconde por qual setor o governo deve começar o revide. "A área comercial mais sensível para eles é o setor automotivo." Ele sugere que, pelo menos por simetria, o Brasil também imponha à Argentina licenças prévias para importações de veículos.

Curiosamente, há alguns anos, o Brasil foi condenado em tribunal de arbitragem do Mercosul, convocado pela Argentina por também impor travas burocráticas em seu comércio bilateral.

Essas coisas não têm cabimento entre países-membros de uma área que se supõe estar em estágio mais avançado de integração (união aduaneira) e que, no entanto, não consegue ser nem zona de livre comércio, o que prevê livre circulação de mercadorias. Mostram que os tratados do Mercosul deixaram de ser apenas queijos esburacados. Estão cada vez mais desmoralizados.

Já não eram instrumentos de integração econômica e comercial. Agora correm o risco de deixar de ser também de integração política - condição que o Itamaraty ainda pretendia preservar.

	VEÍCULO ESTADAO.COM	EDITORIA	
	TÍTULO Empresários vão negociar com Argentina		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Empresariado brasileiro deve agendar uma reunião com Cristina Kirchner para tentar uma solução amigável e barrar as novas medidas as protecionistas WLADIMIR DANDRADE - O Estado de S.Paulo

Empresários brasileiros preocupados com a adoção de novas medidas protecionistas pela Argentina vão marcar uma audiência com a presidente do país vizinho, Cristina Kirchner, na última semana de janeiro, assim que ela se recuperar de uma cirurgia para a retirada da glândula tireoide.

Segundo o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, o grupo tentará uma solução amigável para a retirada da Resolução n.º 3.252 da Administração Federal de Ingressos Públicos (Afip, a Receita Federal da Argentina), em troca de alternativas que mantenham o superávit comercial do país vizinho em torno de US\$ 11 bilhões. As novas medidas decretadas pelo governo argentino podem, segundo estimativas da consultoria Abeceb.com, afetar 79% das exportações brasileiras para aquele país.

Em entrevista coletiva ontem, Skaf afirmou que o objetivo dos empresários é buscar uma solução que seja benéfica para os dois países, sem precisar recorrer aos órgãos de comércio internacional. Para ele, recorrer à Organização Mundial de Comércio (OMC) significaria um tempo muito longo para conseguir a liberação de mercadorias paradas na fronteira. O presidente da Fiesp afirmou que já fez contatos com o ministro interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Alessandro Teixeira, com o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, e com o embaixador do Brasil na Argentina. "Está tudo sendo feito em comunicação com o governo." Skaf afirmou que as negociações não podem esperar, já que os exportadores têm compromissos definidos.

O comércio bilateral entre Brasil e Argentina somou US\$ 39,6 bilhões em 2011, com um superávit para o Brasil de US\$ 5,8 bilhões - US\$ 22,7 bilhões em exportações e US\$ 16,9 bilhões em importações..

Suavizar. Funcionários do governo argentino tentam suavizar o peso da nova exigência para os importadores, que passa a vigorar em 1.º de fevereiro. Os titulares da Receita Federal, Ricardo Echegaray, e da Aduana, Siomara Ayerán, em reunião, explicaram a importadores da Argentina que o governo terá um prazo de 10 a 13 dias para analisar os pedidos. Será criada também uma comissão para acompanhar os casos de exceção, como os artigos de exposição e de franquias, que terão rápida liberação.

Fontes que participaram da reunião disseram à Agência Estado que as discussões foram técnicas e giraram em torno do funcionamento do novo mecanismo e de como a declaração deverá ser preenchida. A principal mensagem dos funcionários aos importadores foi a de que o objetivo é criar um canal único para autorizar ou não as importações. "O que estamos fazendo é implementar um só canal 100% eletrônico para articular os organismos do Estado, como nos pediram os importadores dezenas de vezes", disse Echegaray.

O presidente da União Industrial Argentina (UIA), Ignacio de Mendiguren, pediu ao governo de Cristina Kirchner que adie a adoção das novas regras para importação. Em entrevista a uma rádio de Buenos Aires, Mendiguren informou que enviou uma carta ao titular da Afip, "pedindo para analisar alguns pontos e a possibilidade de postergar a entrada em vigor dos novos controles".

"Estamos preocupados para saber como será o regime, porque há importações que estão relacionadas diretamente com a produção doméstica, que não são insumos produzidos no país", disse / COLABOROU MARINA GUIMARÃES

	VEÍCULO ESTADAO.COM	EDITORIA	
	TÍTULO Novas tecnologias e concorrência maior reduzem os preços de celulares		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

ALESSANDRA SARAIVA / RIO - O Estado de S.Paulo

Novas tecnologias, uma enorme velocidade de lançamento e muita concorrência entre os fabricantes têm provocado uma queda acentuada nos preços de telefones celulares no Brasil. Segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), feito a pedido da 'Agência Estado', o preço médio dos aparelhos caiu 12,33% no atacado no ano passado, a quarta queda anual consecutiva - e o maior recuo nesse período.

No varejo, os preços dos celulares caíram 8,51% no ano passado. E o fenômeno de aparelhos mais baratos só tende a crescer nos próximos anos, impulsionado por investimentos em novos smartphones, que devem representar mais de 50% do mercado brasileiro em 2015.

A intensidade da queda no ano passado foi tão grande que o celular foi, pela primeira vez na história da FGV, uma das cinco principais quedas anuais do setor atacadista medido pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), de acordo com o coordenador de Análises Econômicas da Fundação, Salomão Quadros.

Quadros explicou que o barateamento de celulares é similar ao que ocorreu com eletroeletrônicos, como televisores e laptops, que também mostraram quedas sucessivas de preços com a enxurrada de novidades no mercado. Mas, nos celulares, a velocidade de lançamentos é maior. "Isso veio para ficar. Em um horizonte de longo prazo, os aparelhos mostram tendência irreversível de redução de preço."

Os lançamentos das fabricantes não ficam restritos aos celulares mais caros, lembrou Bruno Freitas, analista da consultoria IDC. "Hoje, a quantidade de modelos mais baratos é muito maior", afirmou.

Para o especialista, a crise global de 2008 obrigou as grandes fabricantes a olhar novos nichos de mercado em

emergentes, visto que a turbulência internacional derrubou o consumo nos países desenvolvidos. A ascensão da classe C e o contínuo crescimento da renda do brasileiro foram notadas pelas marcas, que direcionaram suas pesquisas para aparelhos voltados especificamente às necessidades desses novos consumidores. "O Brasil virou alvo dos fabricantes. Não é a toa que terminamos o ano passado com 240 milhões de linhas móveis ativas", afirmou.

Outro fator é o interesse crescente por smartphones, cada vez mais adaptáveis ao bolso do brasileiro. Segundo Freitas, de 2007 a 2011, o preço médio desse tipo de aparelho caiu 30%, similar ao recuo registrado em celulares comuns para o mesmo período (-32%). "Não estamos dizendo que todos os smartphones estejam baratos. Há aparelhos que, quando lançados, custam R\$ 1 mil, R\$ 2 mil por unidade. Mas, aos poucos, as fabricantes conseguem desenvolver aparelhos nas mais diferentes faixas de preços", explicou. Atualmente com 14,15% do mercado brasileiro de telefonia celular, os smartphones devem ser maioria em quatro anos, segundo a IDC.

Com nove lançamentos em telefonia móvel no ano passado e sem revelar o número de novidades deste ano, a Sony Ericsson considera smartphones como o segmento mais favorecido pelo impacto de redução de preços no setor nos últimos três anos. "Quando deixaram de ser um produto com demanda de nicho e passaram a ser mais de massa, os preços caíram naturalmente", disse a diretora de marketing da empresa, Ana Peretti.

Para a executiva, a demanda por esse tipo de aparelho crescerá ainda mais em 2012 e nos próximos anos. "Teremos novos consumidores aderindo a seu primeiro smartphone. Outros, trocando um modelo básico por outro um pouco mais avançado. E, com certeza, sempre haverá público em busca de modelos de última tecnologia", concluiu.

	VEÍCULO O PAIS	EDITORIA	
	TÍTULO Brasil para a Argentina para aplicar barreira comercial de retaliação		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Clave. Mas queira negociar primeira estratégia falha

BRASÍLIA | ANSA

O governo do presidente Dilma Rousseff planos para retaliar contra a Argentina, devido a restrições ao comércio bilateral, mas ainda em uma tentativa de negociação para evitar a "guerra comercial", disseram as autoridades.

As autoridades brasileiras "não descartam" tomar medidas contra o terceiro parceiro comercial depois da China e os Estados Unidos porque suas exportações pode estar sujeito a manobras burocráticas que atrasam a entrada no mercado argentino.

A resposta comercial está sendo analisada no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, mas antes de iniciar um fogo cruzado, eventualmente, o governo vai esperar pelo menos até março para avaliar o impacto da nova política do governo de Cristina Fernández , apropriados Folha de São Paulo.

Ainda é cedo em Brasília "expectativas" Cristina "rever" sua posição. Importadores argentinos devem fazer uma declaração antes de comprar bens no exterior e que o governo terá 15 dias para entregar a autorização da norma publicada há uma semana e ela entra em vigor em fevereiro.

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, Fernando Pimentel , disse quinta-feira a sua desaprovação da decisão da Argentina dizendo que é "difícil" de negociar com seus vizinhos.

Suas observações foram disputados pela Argentina ministro da Indústria, Debora Giorgi, que lembrou que seu país

importou EUA \$ 22.700 milhões no Brasil em 2011, um aumento de 23% e que o déficit atingiu EUA \$ 5.800 milhões.

"Heat a guerra comercial com a Argentina (e) O Brasil montou uma estratégia de contra-ataque" Folha escreveu ontem.

"Argumentando caso a caso com cada empresa (importador) se deve ou não comprar de outros países para limitar as importações (se a medida do governo argentino) entra em vigor pode afetar o Mercosul", disse Roberto Giannetti da Fonseca, diretor da poderosa Federação das Indústrias de São Paulo.

A Confederação Nacional da Indústria também criticou o governo argentino anunciou na semana passada um dia após a nova regra, disse que esta é uma ameaça à "segurança jurídica" para os exportadores.

Apesar das queixas do governo e privadas exportações brasileiras são de produtos manufaturados na Argentina e vários países da região um saldo favorável.

Os embarques são feitos para a Argentina, 95% dos produtos industriais, disse quinta-feira Giorgi, alegando que o Brasil impõe barreiras.

Para analistas, o atrito entre Brasil e Argentina também são o resultado da crise internacional.

El País Digital